

## SUBJETIVIDADES À BEIRA DE AFETOS: POLITIZ[AÇÕES], PO-ÉTICAS E CRÍTICA CULTURAL

Paulo César García

quero poder cantar impunemente  
sem ter de agradecer por estar vivo  
ou problematizar por que se sente  
medo de ter tesão, tédio, convívio  
onde estão meus amigos, minha gente,  
mortos por mil & tânatos motivos  
ou quase vivos quando assim de frente  
qual das verdades que nos traz alívio?

Alex Simões In: *mil&tânatos*

a programação dos meu  
dias caminha entre  
fatos conspirações  
de alegria alheia  
projeto incansável  
repetitivo a vertigem  
do arbitrário entre  
calendários do desejo lígia  
borges escreve de  
são paulo na  
perda do pai

Ricardo Domeneck In: *a cadela sem Logos*

### O QUE RESTA DE NOSSOS TRÓPICOS

Iniciamos o ano de 2020 com uma epidemia que afeta todo o planeta, todas as pessoas vulneráveis a um vírus invisível, mortal e que nos amedronta. Achille Mbembe (2018) proporciona reflexos para o que chamo dos tempos coléricos, quem pode e quem não pode viver, em referência ao acontecimento discursivo do atual momento epidêmico da *covid 19*. Mbembe analisa o grau de vulnerabilidade do indivíduo cujas

ações, a partir da biopolítica e do biopoder em Foucault (1988), são determinantes para o que nomeia de necropolítica.

Contudo, quando leio um artigo produzido pelo crítico italiano George Agamben, espanto-me pela maneira de trazer à tona a realidade atual da pandemia. Ao descrever que a epidemia da *covid 19* ser uma invenção<sup>1</sup>, o autor de “O Que Resta de Auschwitz”, sem pisar no concreto da realidade, levita para além do consenso da ciência, ao apontar as medidas de contenção de distanciamento social como “irracionais” e “imotivadas” (AGAMBEN, 2020). Neste livro, escrito por vários/as autores e autoras, no auge da pandemia na Itália, o crítico chama atenção para a crescente tendência de usar o estado de exceção como paradigma normal de governo e levando as considerações de que a sociedade sacrificou a liberdade pelas ‘razões de segurança’ e, por isso, está condenada a viver em perene estado de medo e de insegurança (AGAMBEN, 2020).

Quanta deformidade ao sujeito de direitos. O que resta de nossos Trópicos? A política que elimina o outro é adotada pela improcedente postura do Estado brasileiro e dos Estados Unidos em não prezar a ciência. A sociedade do fracasso e o necropoder reinam no momento e o sentido de decolonial de hoje se estreita na relação dominador e dominado com forças de eliminação e exclusão em nome da sobrepujança do neocapitalismo. Se a *Covid-19* trouxe-nos um fantasma do passado<sup>2</sup>, ela avassala ainda mais e compartilha da noção de necropolítica, com o direito de viver numa sentença amarga que não respeita a condição de existir, reforçando o estado de poder necropolítico sobre a vida.

---

<sup>1</sup> [...] hay una ten-dencia creciente a utilizar el estado de excepción como paradigma normal de gobierno. El decreto-ley aprobado inmediatamente por el gobierno ‘por razones de salud y seguridad pública’ da lugar a una verdadera militarización “de los municipios y zonas en que se desconoce la fuente de transmisión de al menos una persona o en que hay un caso no atribuible a una persona de una zona ya infectada por el virus”. Una fórmula tan vaga e indeterminada permitirá extender rápidamente el estado de excepción en todas las regiones, ya que es casi imposible que otros casos no se produzcan en otras partes (AGAMBEN, 2020, p. 18).

<sup>2</sup> Refiro-me à pandemia da gripe espanhola no início do século XX, que devastou a saúde pública de ponta a ponta dos continentes do planeta terra.

Entre os citados pensadores, a minha reflexão é recorrente com o ponto introdutório para interagir entre a crítica cultural em Byung-Chul Han (2015), Rancière (2012), Butler (1997, 1999, 2003), Halberstam (2020) e as poesias de Alex Simões e Ricardo Domeneck para buscar refletir, mais especificamente neste texto, como a poesia cria pontos nodais a respeito de deform[ação] de corpos, subjetividades, linguagens em estados mais fluidos para pensar outros modos de vida.

### *Não existe gênero sem linguagem*

Frente aos problemas atuais, com as referidas inserções iniciais do meu texto, a arte e a literatura não poderiam estar ausentes. Os dois poemas, em epígrafe, também são significativos para analisar o tempo presente. Os poetas Alex Simões e Ricardo Domeneck apresentam peculiaridades para refletir o corpo em performance. Em *Trans formas são*, de Alex Simões<sup>3</sup> (2018) e *a cadela sem Logos*, de Ricardo Domeneck<sup>4</sup> (2007) permitem a interpelação da linguagem ao aliar imagens que tomam formas, tratando de vozes atreladas ao binarismo, de desordenadas palavras que rompem conceitos, disciplinas, regras. As diferenças das enunciações em Simões e em Domeneck são colhidas por sujeitos que teatralizam a si, enquanto potência artística em momentos risíveis da atualidade. Como a deformidade se encontra entre as duas produções literárias?

---

<sup>3</sup> Alex Simões é poeta e performer baiano. Publicou “Quarenta e Uns Sonetos Catados”, “(hai) céufies”, “Contrassonetos: catados & via vândala”. O último livro “Trans Formas São” foi lançado em 2018. Integra as antologias *Writing the Walls Down* (EUA), *Coletânea Poética Ogum’s Toques Vinagre: uma antologia de poetas neobarrocos e revistas*, como *Dusie Magazine 21* (EUA), *Galla Ciencia* (Espanha).

Tem um blog: [toobitornottoobit.blogspot.com.br](http://toobitornottoobit.blogspot.com.br).

<sup>4</sup> Ricardo Domeneck é poeta e artista visual paulista de Bebdouro, São Paulo. Lançou seu livro de estreia “Carta aos anfíbios”, em 2005. Em 2007, lança “a cadela sem logos” Atualmente, radicado em Berlim, na Alemanha, tem poemas publicados em antologias em diferentes países do mundo. Seu primeiro livro de contos, “Sob a sombra da aboboreira” foi lançado em 2017 pela editora 7letras. Enquanto artista visual, teve seus trabalhos apresentados em museus da Alemanha e da Espanha.

Para contemplar a arte poética dos autores Simões e Domeneck, a performance, a performatividade, os discursos de corpos têm significativas visões amparadas no modo como Butler (2000, 2013) problematiza gênero, bem na medida em que a linguagem nomeia, estrutura, demarca, potencializa e, por outro lado, refazem os corpos e sujeitos a fluência e na hibridização de discursos.

Disponer de feitos culturalmente construídos nos poemas, tratando de poder, de gêneros e de sexualidades se alia a uma onda perversa de pleno confinamento social do presente ano. Refiro-me às subjetividades em processo de disjunção dada a precariedade de corpos, da política de resguardo, da desobediência do saber viver, da linha tênue de afetos, entre a vida e a morte, dos pontos de fuga, da zona de perigo. Sendo a literatura a grande movedora de conhecimento, desperta não somente o entretenimento pela palavra, todavia, pela leitura das poesias, motiva a abrir o leque de recepções sobre o sentido que a literatura proporciona na fruição de poder, a disseminar como ler e o que ler, de propor questionar, em especial, normas, polaridades, hegemonias, ditos e entreditos.

A proposta da escrita deste texto é buscar as produções de conhecimento que têm sido objetos de estudos realizados pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural — do mestrado e, recentemente, com a implantação do curso de doutorado — situado na grande área de Letras e Linguística, do Departamento de Linguística, Literatura e Artes do Campus II da Universidade do Estado da Bahia. O diálogo com a crítica cultural expande o sentido que a literatura cria com o atravessamento de outras linhas geopolíticas de saberes, a exemplo, de como os estudos de subjetividades calcados na precariedade de corpos e na emergência de outras identidades tornam a crítica mais incisiva no processo investigativo para as ciências e para as linguagens que desconstróem outros campos em torno de estruturas sociais.

Ao articular o literário — seja na poesia, na narrativa de ficção, em textos da dramaturgia da contemporaneidade — viso ao posicionamento

dos estudos queer na pesquisa que desenvolvo. O significado de queer se ampara na esfera da linguagem corrompendo os paradigmas culturais que opera, na padronização racional e binária de gênero, como em outro lugar de enunciação da hegemônica masculinidade. Com os pontos de reflexão para os poetas que apresento, cabe tomá-los como para exercitar os espaços de poder onde se dão pela e na linguagem, posto que é por onde ressignificam a leitura diante do estado precário de sujeitos que se intimidam com o plano da realidade e que, na poesia, as linguagens são entornadas no modo de poder falar, enunciar a si, no propósito de não suprimir e sim refazer o direito às políticas po-éticas, aos direitos culturais, às identidades de gênero e de sexualidades, às pessoas racializadas, direito ao letramento e em todas as suas extensões que brotam com as desvinculações colonizadas para o exercício de poder saber.

Daí, parto de algumas elucidações críticas. De acordo com Benveniste (2005, p. 43), Saussure afirma que o princípio da linguagem é sempre um objeto duplo. Quais impactos pairam quando visado ao significante, ao corromper referências, tendo como mote o próprio princípio da linguagem? Talvez, como tomar o que se faz na regularidade, nos enquadramentos, na imposição de enunciados, o que se lê da história e em todo o processo sistêmico do signo, compartilhado por cortes e recortes, continuidades e rupturas, tradição e modernidade?

O signo linguístico saussuriano não aponta tão somente o referente, já que nem sempre os signos são visualizados por um referente material, a exemplo de “cachimbo”. A língua consiste também de elementos que “só têm existência na língua, como os pronomes, as preposições, os artigos, por exemplo, os quais não poderiam ser representados por uma concepção de língua enquanto nomenclatura. É a partir desse pressuposto que Saussure propõe uma concepção de língua imanente, a qual pode ser definida por si mesma sem relação com aquilo que lhe é exterior” (COSTA, 2014, p. 105).

Em direção aos estudos de gênero, é de pensar que existe a não completude, a impossibilidade de amparar a simetria da identidade da

peessoa por toda a existência da corporeidade. Trata de perceber a representação e o conhecimento investidos pelo “não-todo”, como propõe Lacan, no gesto do impossível da totalidade. Portanto, para Saussure (apud BENVENISTE, 2005), um significante e a ideia que assume o significante determinam em uma dada língua o ponto de vista que cria o objeto, visando a “todo conhecimento” repousar “sob um ponto de vista e, por isso, é sempre incompleto” (COSTA, 2014, p. 106).

Partindo do pressuposto saussuriano, é de entender que a cadeia de significantes decompõe, deforma, desconstrói o referente, já que ele não é o que aparenta, se mostra, se revela. Alinhado ao referente pressuposto do signo em Saussure, Butler aposta em torno da codificação e da operância epistemológica, considerando que:

A linguagem poderia nos machucar se não fôssemos, de alguma forma, seres linguísticos, seres que precisam da linguagem para ser? Nossa vulnerabilidade à linguagem é uma consequência de sermos constituídas/os dentro de seus termos? Se somos construídas/os na linguagem, então esse poder constitutivo precede e condiciona qualquer decisão que possamos tomar, nos insultando, desde o começo [...] com seu poder (BUTLER, 1997, p. 1-2).

Para a crítica estadunidense, a linguagem nos põe vulnerável. A própria linguagem em sua vulnerabilidade nos coloca rodeados de termos que nos constituem e nos falta alguma coisa, entre palavras, gestos, atos. Os sentidos de performance e performatividade em seus diferentes percursos são enaltecidos aí, na maneira como constroem sujeitos e as identidades, sobretudo, nestas que se ocupam das linguagens para construir a materialidade do corpo. Isso porque o corpo atinge o impacto social e cultural quando internalizado em uma rede de significados complexos de regulações, vigilâncias, punições e, paradoxalmente, fazem com que conteste, desarma outros mecanismos de significações em práticas linguísticas. Para Butler, sobretudo, nas relações de saber e poder, saber e discurso que nos precedem, historicamente, condicionam

a palavras abjetas e insultos quando veem subjetividade fora da ordem e depositando o ser na esfera do binário.

Trata-se de afirmar que o gênero é “a estilização repetida do corpo [...] no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, que se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância” (BUTLER, 2003, p. 59). Por um outro exercício de percepção, o reflexo da linguagem no processo de análise da subjetividade ressignifica campos de atuação unilaterais, considerando que o aspecto linguístico também é fadado a registros que desnortizam, desincorporam, desenquadraram códigos estabelecidos.

O viés linguístico da análise de gênero, conforme Butler, remete ao movimento do signo como unidade da língua que é operado por um sistema semiótico, quer talvez dizer que o modo de vida rodeado pelo sistema hegemônico torna o sujeito dependente das linguagens aí incorporadas. Uma vez nosso sistema ser afeito aos resquícios patriarcais, engendrados ainda mais fortes aos apelos para a relação Senhor e escravo, os sujeitos são rodeados pela esfera de enunciados performativos.

Ao se reportar a sexo e ao discurso como práticas discursivas, Butler tem influência na leitura em Austin, cuja teoria dos atos da fala prega o vínculo ativo entre sujeito e meios sociais no qual surge estruturado dentro de normas e lei dentro da funcionalidade do discurso e da teoria da fala sobre a qual Derrida<sup>5</sup> formaliza o performativo. Butler (2003) impulsiona o movimento reflexivo do gênero e sobre o fato de que não

---

<sup>5</sup> A teoria dos atos de fala, conforme o filósofo Jonh L. Austin (1990), a partir da obra *How to do things with words*, traz o sentido de performativo pela relação semântica com o verbo inglês *to perform*, que designa “ação”. Austin mostra que existe uma ação por intermédio de um ato que não pode se resumir ao simples ato de proferimento. No sentido teórico do performativo, aborda uma ação. Na vertente retomada por Jacques Derrida, na conferência *Signature événement contexte*, em 1971, em Montreal, ele apresenta pontos estratégicos em Austin sobre o termo performativo na relação com a linguagem, questionando que: [...] o performativo não tem seu referente (mas aqui essa palavra sem dúvida não convém o interesse da descoberta) fora de si ou, em todo caso, antes e perante si. Não descreve algo que existe fora da linguagem e antes dela. Produz ou transforma uma situação, opera [...] (DERRIDA, 1991, p. 26-27).

existe gênero sem discurso, de modo a perceber que os corpos aí são visualizados enquanto consequência da instância de generificação.

A consequente sentença ligada ao verbo “ser” — dado o indivíduo afirmar que é isto ou aquilo — como se o enunciado único e estável delimitasse ser o sujeito após o verbo, quer dizer, a linguagem é performativa porque traz o poder de produzir o que é nomeado. A não essencialização de significados das palavras mostra que “a significação não é um ato fundador, mas antes um processo regulado de repetição que tanto oculta quanto impõe suas regras, precisamente por meio da produção de efeitos substancializantes” (BUTLER, 2003, p. 209).

A seguir, tratarei de signos que incorporam o universo poético e como os sujeitos líricos desmancham a solidez da conformação de enunciados estabilizados, projetando os questionamentos a despeito da linguagem, estando operada fluidamente por meio da emersão de subjetividades.

## **MATRIZES PARA ESTUDOS EM PÓS-CRÍTICAS: CORPOS EM PERFORMANCES. SUBJETIVIDADES POSSÍVEIS**

A poesia de Domeneck nos importa por situá-la como escape à essência do consenso ao signo esmerado ao plano de referências. A escrita é construída pela forma de fazer do poeta ser instada na recuperação da linguagem enquanto ação de desafiar conceitos, códigos, imagens. Eis a performance culminada por signos que coloca o sujeito em cena e, de acordo com Zumthor, tendo em mente a comunicação poética dos escritores, aqui em análise, “[...] ela é o saber-ser. É um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* comportando coordenadas no espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo” (ZUMTHOR, 2018, p. 30).

O modo como a performance se apresenta e atrai as deformidades de ver e perceber o outro, entre forma de fazer ler e o horizonte de



impactos, mostra-se pela operação de um lirismo recheado de vozes que buscam atrelar ao mundo real a nítida experiência de conhecer a outridade do Eu.

a vontade não  
é uma aparência e  
os porquês  
são experientes  
como quem prefere  
o precário à precisão  
pois entende o  
preciso do “navegar/viver”  
como necessário  
não  
como exato  
mesmo  
que eu decida  
chamar ISTO  
de alegria  
o contexto permanece  
o de  
sangue pisado  
na balança da expressão  
sim  
eu quero  
esquecer a  
possibilidade da deformação das partes  
às vezes  
acreditar na máquina  
inquebrável  
a coerência exige  
sobrevivência e cicatrizes  
(DOMENECK, 2007, p. 87)

A perspectiva de ler o poema em Domeneck é ver a política e poesia interseccionadas num modo de colher os signos como que encenam os efeitos da diferença e, por consequência, do Eu atravessar o rastro do fronteiro e aflorar confidências. Entre os porquês da experiência, a

máquina inquebrável; entre as cicatrizes, o complemento da sobrevivência. Chamar ISTO é acionar o aquilo que faz navegar/viver se politizando, ação de politizar o exercício da linguagem, consistindo em desobedecer a regras e normas gramaticais, por conseguinte, do sistema social e cultural. O estilo da poesia corresponde à exposição livre de poder dizer na partilha do afeto, sinalizando a performance do poema manifestada na interligação do corpo ao espaço. Onde o queer se lê na poesia de Domeneck?

Talvez, com a intenção de criar as zonas heterotópicas em que a linguagem é tomada. O texto assim se nutre da tônica do verso livre com a voz que enuncia, ao se contagiar pelo básico de estar humano, pelo ato de ser necessário viver o que o torna coerente no consenso. Porém, é no dissenso, da sensível expressão do sujeito lírico e que se recorta nos espaços de si. Entre o dissenso, o queer se revela. Os signos se apresentam pelo mote de compreender o poder natural da língua, porém, são instados a percebê-los enquanto “ser comum aos conjuntos dos fenômenos sociais que constituem a cultura” (BENVENISTE, 2005, p. 47).

Já em relação à poesia de Alex Simões, também, focalizada na heterotopia do espaço, vale-se do imperativo da linguagem em que o queer aflora, na conseqüente interpelação do Eu que se produz com referência aos contextos da vida e que, na pragmaticidade do cênico, a linguagem desfaz a inteligível forma de se subjetivar. Assim existe uma repetitividade proposital do referencial, destaca-o na disposição visual, imagética da ambiência que produz, transmudando signos. Pelos fragmentos que reúnem a performance poética em Simões, revela-se a percepção da subjetividade, como pensa Zumthor (2018, p. 31-32), em torno de “cada performance” que “nos coloca tudo em causa. [...] afeta o que é conhecido. [...] modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca.”

Eis o que toca o estado de poesia em Alex Simões:

quero poder cantar impunemente  
sem ter de agradecer por estar vivo

ou problematizar por que se sente  
medo de ter tédio, tédio, convívio  
onde estão meus amigos, minha gente,  
mortos por mil & tãatos motivos  
ou quase vivos quando assim de frente  
qual das verdades que nos traz alívio?  
(SIMÕES, 2018 p. 16)

O poema excede o ato de performatizar a subjetividade, tendo em mente a noção de necropolítica, quando a materialidade do corpo se esgota no contínuo de significação (BUTLER, 2003). Coadunado aos argumentos de Mbembe, a poesia não se traveste dos efeitos sintomáticos do poder calar e de manifestar o medo do tédio, da indagação das verdades, dos *mil & tãatos* motivos e com os quais podemos refletir com Mbembe: “Se imaginarmos a política como uma forma, devemos interrogar-nos: qual é o lugar reservado à vida, à morte e ao corpo humano (em particular o corpo ferido ou assassinado)? Que lugar ocupa dentro da ordem do poder? (MBEMBE, 2017, p. 108).

Que lugar se reserva o estado de poesia interrelacionado aos contextos de impunidades, de sentimentos, dos desencontros e de buscas pela verdade e se oferecem no espaço heterotópico do poema? Afinal, quais os motivos de não poder existir se sou preta/o, gay, travesti, o que fazer do meu corpo ou buscar me refazer dele em detrimento de procura de verdades? As reiterações ao corpo, ao gênero, ao poder viver no poema focam no referente, com o estar vulnerável em mil e um tãatos. A proliferação da morte conduz o sentido daquele/a que pode viver e quem não pode viver em “[...] uma concatenação de vários poderes: disciplinar, biopolítico, necropolítico” (MBEMBE, 2016, p. 137). Assim a exposição do lirismo em Simões se sobressai quando aliada à crítica que faz do outro e, por meio da performance de corpos possíveis, gira em torno das reiteradas totalidades do espaço cultural em que o poeta canta, ecoa, problematiza quem pode viver e morrer. E é de acordo com Pennycook (apud BORBA, 2014, p. 468-469) que

[...] a linguagem e a identidade como performances são performativas e solicita um arcabouço analítico transtextual que excede o texto (oral e/ou escrito) *in situ* e o localiza em sua história de reiterações e transformações: o significado de um texto e seus efeitos não estão presos nas fronteiras textuais, mas são constituídos em sua história dialógica pré-textual.

Tomando o significado de performance nos poemas, é possível compreendê-lo na onda do “que vem antes do texto e possibilita a performance em si, nas relações intertextuais com outros textos e os efeitos que a performance linguística produz nas/os interlocutoras/es; necessitamos, assim, de perspectivas pré-, intra-, inter- e extra-textuais na análise dessas performances” (PENNYCOOK apud BORBA, 2014, p. 469).

A minha pressuposição é de que os poemas de Domeneck e Simões podem ser vistos de acordo com a operação da linguística *queer*<sup>6</sup>, por levar-nos a considerar as extremas formas de contestação e rearranjos marcados pela ação de o sujeito estar em direção à linha de fuga do ambiente atravessado por zonas limítrofes. A direção da “vivilidade” esbarra na “coerência” e “exige sobrevivência e cicatrizes” (DOMENECK, 2007, p. 87), melhor, o poeta se expressa pela e na interpelação de si e, na possibilidade semântica, desmantela a inteligibilidade marcada em cicatrizes que retém a vida na inserção da sociedade do desempenho. Nesse sentido, compartilho da crítica de Paul B. Preciado em “Da filosofia como modo superior de dar o cu Deleuze e a ‘homossexualidade molecular’”, quando desarma a estrutura do signo, considerando a molecularidade da obra de Deleuze cuja a referência ao personagem Charlus, em “A busca do tempo perdido”, de Marcel Proust, contempla o que Preciado compreende sobre o modo superior de dar o cu, ou seja: “O

---

<sup>6</sup> O estudo de Borba é significativo por tomar o termo linguística *queer* que, para ele, “tem se configurado como uma área de investigação que estuda o espaço semântico-pragmático entre os discursos dominantes (i.e. heteronormatividade) e a performance linguística situada e tem-se mostrado, assim, como um campo promissor para o estudo de como fenômenos macro-sociológicos que produzem certos indivíduos como seres abjetos, inferiores ou patológicos são sustentados e/ou desafiados nos detalhes mais ínfimos de nossa vida social, notadamente, a linguagem-em-uso” (BOBA, 2015, p. 94).

Charlus molecular está feito de incessantes devires: devir-mulher, devir-animal, devir-flor, devir por um instante fluxo que entra e sai do ânus, mas não se identifica nem com a mulher nem com o inseto, nem com a flor nem com a merda. Charlus é molecular porque quando dá o cu, fecunda”. Portanto, a história da filosofia

[...] aparece, então, como uma cadeia de fecundações anais entre homossexuais moleculares sem gueto e sem culpa. Os filósofos anais da história estão ligados pelo fluxo textual de uma margarida que une o ânus e os pintos, que interpreta e traduz. A filosofia é, portanto, uma forma de inseminação artificial por meio da qual o ânus semiótico vem a ser útero (mulher) e mais tarde inseto polinizador (animal), e assim uma e outra vez, incessantemente (PRECIADO, 2014, p. 192-193).

A filosofia no gesto de criatividade, tal como pensa Preciado, é uma forma fértil de pensar a possibilidade de o corpo fertilizar por outro lugar de enunciação para além da sociedade disciplinar. O corpo-devir mediando a saturação de signos (PRECIADO, 2014, p. 190) e podendo ser encarado em Byung-Chul Han<sup>7</sup> (2015), quando refere-se a presença do desempenho produzindo sujeitos depressivos e fracassados, habitando o desejo máximo de produzir, posto que o “paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento.” Para Han, a positividade do poder é bem mais

---

<sup>7</sup> Em “A sociedade dos cansados”, Han apresenta a tese de que vivemos em uma época em que o paradigma imunológico, baseado na negatividade do inimigo, perdeu sua validade. Como nos tempos da Guerra Fria, a sociedade imunologicamente organizada caracteriza-se por viver cercada por fronteiras e cercas, que impedem a circulação acelerada de bens e capitais. A globalização suprime todos esses limiares imunológicos para dar rédea livre de capital. Até a promiscuidade e a permissividade generalizadas, que hoje se espalham por todas as áreas vitais, eliminam a negatividade do desconhecido ou do inimigo. Hoje, os perigos espreitam não da negatividade do inimigo, mas do excesso de positividade, que é expresso como excesso de desempenho, excesso de produção e excesso de comunicação. A negatividade do inimigo não tem lugar em nossa sociedade ilimitadamente permissiva. A repressão por outros cede lugar à depressão, a exploração por outros cede à auto-exploração e auto-otimização voluntárias. Na sociedade da performance, a pessoa luta acima de tudo contra si mesma (HAN, 2020).

eficiente que a negatividade do dever. O sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência, mesmo que o sujeito de poder não cancele o dever e o de desempenho continue disciplinado (HAN, 2015). Assim, a filosofia de dar o cu em Preciado dissemina contextos peculiares ao confrontar, de-formar conceitos sobre o processo de fertilizações também do ato de pensar o sujeito somente pela produtividade da cadeia ordinária e sistemática tóxica da masculinidade hegemônica.

Ao seguir o ponto de reflexão em Preciado e em Han, outros teóricos numa linha de resistência ao discurso do desempenho, a exemplo do crítico estadunidense Jack Halberstam, entende o seu significado na contra produção do fracasso e associado ao capitalismo, à ordem dominante “como maneira de se recusar a aquiescer a lógicas dominantes de poder e disciplina e como forma de crítica” (HALBERSTAM, 2020, p. 20-21). A ideia de heteronormatividade veiculada ao sucesso é construída por Halberstam, que propõe uma forma de arte queer “que tenha feito do fracasso sua peça central e tenha descrito o ser queer como a paisagem sombria de confusão, solidão, alienação, impossibilidade e constrangimento” (HALBERSTAM, 2020, p. 20-21-145).

É óbvio que dentro do significado que uma linguística queer se mostra, e apontado por Borba, não creio que o fracasso, conforme a base de argumento em Halberstam, seja tão receptivo. Para mim, a leitura que Preciado conduz a partir da interpretação molecular em Deleuze faz jus a significados que o corpo constrói, destituindo o sujeito homossexual como inoperante ou fadado ao fracasso. Halberstam relaciona o fracasso ao modo de vida de gays, lésbicas e trans, de modo que nada essencial conecta a essas pessoas a “formas de deixar de ser e de inadequar-se, mas não se pode simplesmente desejar que os sistemas social e simbólico que amarram o ser queer à perda ao fracasso desapareçam; e eles nem deviam desaparecer, alguns diriam” (HALBERSTAM, 2020, p. 145).

Sobre se o desempenho tratado anteriormente em Han é contraproducente para o que se pensa ser a subjetividade queer, visto que

as análises conduzem para as argumentações de que a conexão entre queer e negatividade mostra a capacidade de interagir com o social pela forma de existir positivista e progressista, buscando rotas de fuga e diferenciadas alternativas numa sociedade em que só almeja o sucesso pelo viés heteronormativo de viver. Desconstruindo tal plano de discurso, Halberstam cria as estratégias interpretativas movidas na esteira de personagens em histórias em quadrinhos e cenas artísticas, apontando o vencedor e dando margem de empatia, melhor, de que o desvio e a perda incitam o reconhecimento benjaminiano de que a empatia com o vencedor acaba sempre beneficiando o dominador. Melhor deixar o sucesso para os republicanos, os gerentes corporativistas, vencedores de reality shows, os casados, os empresários... Sobre o tema do fracasso, Leandro Colling escreve um artigo: “Fracasso ou resistência? A arte das dissidências sexuais e de gênero no Brasil”. Na exposição do texto aos estudos do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades | NuCuS da Ufba, Colling reflete que os coletivos artísticos que integram as cenas artísticas e as artistas das dissidências sexuais e de gênero no Brasil não compartilham da pulsão da morte, ao fracasso e à infelicidade. O ato de desobedecer, para o crítico, acontece com alegria e sem rastros ao fracasso e cita alguns nomes de artistas da musicalidade que são movid@s a atos de transformar vínculos mais incisivos com a performance, de modo livre e sem amarras ao consenso e a perdas, como Pablo Vittar, Johnny Hooker, Liniker, Jaloo, Caio Prado, Rico Dalasam, MC Xuxu, Linn da Quebrada, As Bahias e a Cozinha Mineira, Gloria Groove (COLLING, 2020).

No outro ponto de reflexão, em “A partilha do sensível”, Jacques Rancière (2009) aponta a tensão entre uma prática específica da percepção e da sua dependência implícita com objetos pré-concebidos vistos como dignos de compreensão. Os códigos da cultura e da arte enfrentam o dissenso que, ainda de acordo com o crítico francês, expressa uma desarmonia na igualdade e uma invisibilidade, ou seja, a incapacidade de ser percebido ou contado. Parte do princípio da crítica em torno da igualdade ser visualizada como sendo não um fim que deve

ser perseguido, e sim como uma pressuposição pela qual se possibilita a existência de formas alternativas de comunidade e comunicação.

Estaria aí o modo como Halberstam compreende o fracasso, a partir da leitura de uma arte queer? Certamente que as poesias de Domeneck e Simões são amparadas por corpos em devir, que se apresentam pelo mote de compreender o dissenso de uma politiz[ação] do sujeito, mas, por sua vez, percebendo a máquina da operacionalização do signo, a exemplo de como o molecular incita germinar os interditos. Ainda com a leitura em Butler, Mbembe, Preciado, Rancière, Halberstam, aliar-se ao combate da desigualdade estrutural, em prol de outros signos que são visualizados como incapazes de libertar a si mesmos, por outro lado, me parece que, em Halberstam, o ato do fracassado reproduzir a lógica de dominação do contínuo faz brotar indivíduos que seguem em estado de subordinação e ainda mais em vulnerabilidade com o sistema cultural e existencial heteropatriarcal.

Assim sendo, a noção em torno de uma linguística queer leva em mente que existem leituras desreferenciadas ou ressignificadas, como as de Preciado e Butler que conduzem críticas à cultura hetero e homonormativas. Por sua vez, os poemas que partilho diferenciam da inteligibilidade entre os sujeitos ali expressos, em lugares em que podem falar, com linguagens que permitem destravar o sistema ordinário e destravar o corpo fora da binaridade sexual e de gênero. Parto assim da ideia de que o desempenho e o fracasso devem ser reinterpretados diante de uma pressuposição prematura a respeito de poder interferir negativamente na distribuição do sensível, como deduz Rancière (2009). Por isso, a desreferencialidade às identidades e ao corpo adquirem outro patamar político, quando o problema de gênero é trabalhado sobre o enfoque de resistências e com olhar sob dissidências que os sujeitos incorporam. Não é sobre a existência de igualdade de inteligências, mas o que se pode fazer, dada a devida imposição com subjetividades que se amparam pelo instituído, pela heteronormatividade e pela compulsória masculinidade hegemônica da cultural falocêntrica.



A emancipação da minha, da nossa subjetividade estaria associada ao grau de percepção do conhecimento, da experiência de afetos, de quebrar hegemonias e em capacitar valores sempre em descobertas. É possível interpretar uma forma de fazer o corpo em moléculas, numa onda de afetação, em afetar a redistribuição do sensível na significação do dissenso, em procurar romper com significados mergulhados em hierarquias de discursos. Portanto, esse é o fundamento a que Rancière expressa, tendo a política e a estética reordenando-as sob a percepção do espaço e de desconstruir formas de pertencimento, demonstrando que a política tem uma dimensão estética e a estética tem uma dimensão política. Ainda assim, se a lógica de rompimento concebida pela leitura de Rancière se diferencia com o processo de igualdade, certamente, a postura do sujeito é atravessada por linguagens e com elas renascem a todo instante a percepção da diferença de sujeitos e corpos dentro da cultura ocidental. Percebo assim um veio crítico cultural por um mote do princípio de uma linguística queer.

Melhor, estando o consenso procurado a corresponder a uma *poesis* [forma de fazer] com uma *aisthesis* [horizonte de efeitos], a essência do consenso se entende / estende como aposta de que existe uma identidade entre o sentido e a sensação, entre um fato e sua interpretação. Por sua vez, pelo dissenso, a lógica é de tentar demonstrar uma impropriedade que desarranja a subjetividade numa linha horizontal e revela um lapso entre a *poesis* e a *aisthesis* (RANCIÈRE, 2009).

Como pensar lugares de partilhas diante de precariedades e de formas de refazer frente aos horizontes do presente? De acordo com Han (2015), desnudar, despir a vida, que é sagrada deve ser conservada a todo preço. No momento em que o mundo vive a pandemia da *Covid 19*, com as consequências mortais, para além de uma gripezinha, a existência humana é cada vez mais instigada a não desprezá-la, porque é preciso preservar o mercado neocapitalista. Produzir é mais importante do que viver e a liberdade do sujeito se esbarra com o foco do confinamento social em tempos de pandemia, cujos efeitos do discurso refletem nas identidades de gênero e de sexualidades — mulheres, gays, trans, negras

e negros — que sofrem com o rastreamento e o exercício da violência no espaço doméstico.

No próximo ponto final do texto, as poesias de Alex Simões e Ricardo Domeneck aproximam os discursos em tempos de achatamentos das subjetividades.

## **PARTILHAS DE DIREITOS, CORPOS ENCARNADOS E SEUS PONTOS DE FUGA NA LITERATURA**

Expostas as vidas precárias na abjeção e vulnerabilidades, a pegada da hipótese de Berenice Bento (2018, p. 187) mostra que, “a governabilidade, para existir, precisa produzir interruptamente zonas de morte” Entre atestar a vida (biopolítica) e incitar a morte (necropolítica), onde o corpo reage, resiste, sobrevive?

Com a linguagem do poeta Alex Simões: “onde estão meus amigos, minha gente, mortos por mil & tânatos motivos ou quase vivos quando assim de frente qual das verdades que nos traz alívio?”, mil e um motivos fazem presentes com os corpos dizimados por serem pretos/as, periféricos/as, pessoas de religião de matrizes africanas, gays pretos/as, lésbicas pretas, travestis, transgêneros, queer e intersexos. A problemática da vida nua em que Agamben (2013) compreende o direito à vida também nasce para “vidas matáveis pelo Estado”, questionando a via do “homo sacer”, servindo “pouco para interpretarmos a necropolítica brasileira (BENTO, 2018, p. 188).

Ainda penso como Mbembe (2011) nos reporta a leitura da política com o trabalho da morte, do corpo encarnado sob a força magnética do soberano, segundo a qual Foucault (1999) afirmara a essência do direito à vida e de morte, no gesto de poder matar que ele exerce seu poder sobre a vida. Ao contrário do Estado moderno, faz-se jus ao dispositivo de fazer viver e deixar morrer, próximos aos implementos do regime disciplinar. Contudo, a poesia de Alex Simões enuncia o estágio de poderio que pauta nos versos: “quero poder cantar impunemente sem ter de agradecer por

estar vivo ou problematizar por que se sente medo de ter tesão”. Parte deles ativa da massa humana a ação em ocupa-se do espaço de confinamento em que mulheres, gays, travestis e transgêneros estão sendo violentados pela onda massiva da familiaridade heteronormativa e da impunidade que os homens exercem enquanto dominadores na esfera social. O agenciamento do poder estar vivo e abre-se para a esfera da punição que tanto o estado toma conta, como o indivíduo repleto do poder soberano aferi contra os direitos aos desejos, às migrações, aos corpos negros, acionados em múltiplos cortes afiados do biopoder, da tecnologia do poder da maioria sobre a minoridade, como mostra Foucault:

[...] alguém, portanto, do grande poder absoluto, dramático, sombrio que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a “população” enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de “fazer viver” (FOUCAULT, 1999, p. 294).

O pensador francês aborda em “Direito de morte e poder sobre a vida” o conceito de biopoder-biopolítica que “[...] foi nada menos do que a entrada da vida na história — isto é, a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 153). Seguindo a trilha do discurso foucaultiano, Mbembe mostra que o Estado colonial firma seu desejo de soberania e de legitimidade mediante a produção de uma narrativa própria da história e da identidade nacional, quando visa ao colonialismo de Israel na procedência tecnológica de poder matar. Conforme o crítico,

“[...] racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, este velho direito soberano de matar”, como aconteceu com o negro estadunidense George Floyd. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular, regula a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do

Estado. Segundo Foucault, essa é “a condição para aceitabilidade do fazer morrer” (MBEMBE, 2018, p. 18).

Publicado pela primeira vez em 2003 na Revista americana *Public Culture* e traduzido para várias línguas, o texto “Necropolítica” torna significativo o modo como reapropria Mbembe dos discursos de Michel Foucault, principalmente, ao tratar de biopoder/biopolítica. O diálogo estabelecido “Em Defesa da Sociedade” (1999), envereda o espaço epistemológico com uma retomada bem expressiva do uso do discurso que enaltece com os pontos marcados a respeito das opressões e violências. Ao reposicionar as críticas foucaultianas em relação à noção clássica de soberania, Mbembe (2016) revela que “[...] a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2016, p. 5). A abordagem focalizada em Foucault enfoca “experiências contemporâneas de destruição humana” sugerindo “que é possível desenvolver uma leitura da política, da soberania e do sujeito, diferente daquela que herdamos do discurso filosófico da modernidade. Em vez de considerar a razão a verdade do sujeito, podemos olhar para outras categorias fundadoras menos abstratas e mais palpáveis, tais como a vida e a morte” (MBEMBE, 2016, p. 11).

O debate travado por críticos culturais que compreendem uma política neocolonial analisam os feitos necropolíticos que ocorrem em pleno ato de se fazer viver, ocorrendo dentro de um processo higienizado, apontado para quem deve ser apagado/a da linha limítrofe da geopolítica e, para seguir a reflexão de Bento, “nomear de necrobiopoder um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver” (BENTO, 2018, p. 191).

Fazer do risco o ato de estar vivo é poder falar em vulnerabilidade e que se faz preciso. Retrato especialmente sobre as subjetividades queer por se estender a todas as pessoas interseccionadas pela raça também,

tendo em mente “a estilização repetida do corpo [...] no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, que se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância” (BUTLER, 2003, p. 59). Potencializada por uma linguística queer que desampara as normas para os gêneros, ela é expressivamente crítica na escrita dos poemas Alex Simões e Ricardo Domeneck.

Isso implica que há uma desnaturalização do processo de ver o corpo como signo, que tateia o sujeito, desconstruindo-o com a racionalidade que se nota repetida nos corpos. Se em Butler (2003) o caráter performativo das normas regulatórias em ocorrência aos discursos na citação e repetição, produzindo aquilo que nomeia, se as normas materializam o sexo e generificam os corpos, a operação que se apresenta aí se faz possível em decorrência da repetição e da reiteração em curso com o que acontece. Parece assim que o ato performativo não ter fim.

O que o ponto de fuga comunica com Butler reflete no movimento de resistência, diz sobre o processo de ressignificação dos corpos e do redirecionamento que diferem os prenúncios da heteronormatividade. O sentido de fluidez disseminado no espaço literário das poesias vai de encontro ao exercício da linguagem quando o compreende como circunstancial, cindido, operacionalizado pelas repetições, reproduções, reiterações das normas regulatórias e cuja materialização do sexo dos sujeitos insistem em preconizar. Ainda para dialogar com o pensamento de Judith Butler, “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 1999, p. 154).

Daí a intenção da poesia de Alex Simões não poupar o direito de fala, mesmo dado por interditos.

não se trata de quebrar  
ou reforçar  
antigas convenções

somos todos falsos livre

como falsas são todas as canções

em suspenso ninguém vive  
nem se acerta sem medida

somos todos falsos livres  
pouco valem nossas vidas  
(SIMÕES, 2018, p. 36)

Assim a cadeia de significados incorporados no poema refere-se ao lugar em que o poeta se vale do registro citacional de modo ininterrupto: reforço de antigas convenções que, em suspenso, ninguém vive, ou seja, o ato de negar é pontuado pela matriz, reportado em ações sem fim, sem medida, sem falso poder. O Eu se insere e é moldado pela suspensão que o coloca no jogo de entre-lugares onde não deseja ser, nem estar enquadrado pela norma. O verso “Somos falsos, livres como falsas” aciona a autoridade reconhecida e o poder produzir o reconhecível, a naturalização que a cultura insiste em imprimir e atribuir aos gêneros e aos corpos.

Na poesia de Domeneck, o intermitente, o acaso, a distância, a dobra, o devir toma o espaço para referir ao corpo como estado desfalcado, desequilibrado, na nova forma de estar em precariedade com o mundo. O homoerótico desvencilha do espaço macro e parte para compartilhar de cada estreito do corpo, passado por não se curvar para as falhas, as ausências, ao mediatismo.

em minha boca ele  
alcança o meio-dia  
mas a intermitência o  
apreende como em  
qualquer música  
cúmplice do acaso a  
pessoa começa a  
afastar-se desde que  
se aproxima a distância  
existe entre pele e

pele cada imagem  
dobrando a esquina  
não configura  
sua chegada  
ele  
só chega quando seu  
corpo chega carregado  
pelas próprias pernas  
e jamais falha que  
eu o reconheça  
de imediato  
como dono de  
certos lábios voz  
nome e um modo  
de apresentar-se  
ele  
chega o mundo  
assume uma nova  
forma: a do  
equilíbrio precário do  
mundo  
(DOMENECK, 2007, p. 13)

O encontro entre homens na poesia de Domeneck, portanto, dá contorna aos corpos nada assemelhados com uma performance do que é dito sobre os indivíduos que cruzam pernas, pele, voz numa estrutura não fixada, mas em constante formação. As subjetividades se oferecem em devir, num corpo-imagem em fluxo, em constante mutação, de possibilidades e de movências intermitentes para produzir a si em ocorrências diferentes.

De acordo com Butler (2003), a forma que configura o/a *performer* sinaliza para visualizar o efeito do poder-conhecimento sobre o qual performa os sentidos. Contudo, Foucault (1988) trata do dispositivo da sexualidade por um aspecto de significados que embutem atos de cercear, disciplinar, modos de olhar a sexualidade que são sempre outros modos de vê-la, mesmo em evidência, na maneira de a existência de

comportamentos sexuais serem dados como naturalizados em oposição a outros. O equilíbrio precário do mundo preconiza o reconhecimento tenso que não desbarata outras posições de existir. Se os corpos não podem falhar, eles são girados pela forma normatizada e regulada de ser. No reverso, predominam enquanto abjetos, vulneráveis, precários e a sexualidade dissidente fora do eixo da normatização se depara com os atos performativos e a imitação de um equilíbrio precarizado implicando numa performance do que somos ou nos que constituímos diante de uma quebra da passiva identidade.

Se na poesia “o mundo assume uma nova forma: a do equilíbrio precário do mundo”, existe uma micropolítica que emerge na voz do poeta, pois é de onde desautoriza ser o caldeirão em que totaliza a todas as subjetividades situadas como uniformizadas. Daí pensar em uma linguística queer buscando o significado que Butler (2003) apresenta em torno de acaso e do citacional, numa cadeia ininterrupta, sem começo nem fim, e em torno dos quais existem as linguagens que refundam os sujeitos em estado de contínuo devir. A forma como a poesia se expressa aponta para a performance do sujeito lírico, à medida que o corpo desonera atos fabricados, constituídos, subvertendo e resistindo, acionados pelo deslocamento de si.

Parafraseando Emerson da Cruz Inácio que aponta a textualidade queer como as diversas e imbricadas relações que se têm percebido entre corpos que escrevem e os textos que se querem compor, as cenas das escritas dos poemas em Domeneck e em Simões nos projetam para o pensamento-cuir se revelando. Seja pelo que está dito, a forma-gênero não representa o conteúdo *per se* e sim desdobra e se apresenta em performances, para desordenar as derivas do sujeito que sentenciam com a própria teatralização de subjetividades.

## **O QUE VIRÁ DOS DIREITOS À PESQUISA EM LETRAS**

No percurso do texto, citei alguns críticos culturais, apontando para o sentido que a linguística queer pode estar em processo de



entrosamentos para muitas e demasiadas formas de leituras em obras poéticas, ficcionais e em textualidades da cultura. O projeto de pesquisa que desenvolvo sobre a dissidência de gênero e de sexualidades em obras de escritores baianos, brasileiros e demais autorias da literatura ocidental atende às referências a críticos como Butler, Saussure, Preciado, Rancière, Foucault, Mbembe, Halberstam, dentre outros que contribuem com o fundamento, visando aos meus estudos no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural.

A poesia de Ricardo Domeneck e Alex Simões atrela a uma multidão queer e nos ajuda a pensar o espaço da literatura, posto que assume o direito à linguagem que escapa da heteronorma e encontra na poesia o esgarçamento do significado dado à rasura da língua aí movida (PRECIADO, 2011). Trata-se de perceber a linguagem criada pelos poetas na instância de-formadora à estrutura do sistema binário, usando expressões que tornam ativas subjetividades dissidentes. Esta pedagogia visualizada na de-forma-ção é produzida para mover signos legados e os desnortizados. Creio que visei a pontos norteantes para que o pensamento queer se estenda aos compartimentos da linha de pesquisa do Pós-crítica. Pelas esferas discursivas delineadas do estudo, o impacto de trazer poesias conjugadas pelas cenas reais do atual momento amplia o traço da resistência e com outros novos modos de leituras, menos canônicas, sem se deixar contaminar por um necropoder e pela vivacidade de novos e possíveis tempos, sem impressão autoritária e mais livre que as letras e a literatura traduzem.

Meado do ano de 2020. Escrevo este texto em torno de um presente que me afeta, assistindo a várias perdas humanas com a epidemia que arredia o mundo. Queria escrever em outros novos tempos, reforçando ainda mais a língua, daquela em que Deleuze e Guattari nos fala pela via da desterritorialidade. Queria que o texto fosse escrito numa outra dimensão, analisando a partir dos elementos linguísticos que levam a linguagem a seus extremos “para um além ou um aquém reversíveis” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 35) e notar maiores alteridades para todas as identidades sexuais e de gênero.

Se a existência da língua menor em Deleuze e Guattari se destaca pelo procedimento revolucionário dentro de qualquer língua, “uma subversão do seu uso representativo que sempre se coloca a serviço de um determinado poder institucional ou de uma ideologia nacional” (SCHOLLHAMMER, 2001, p. 69), é quando se tem poesias, como a de Alex Simões e Ricardo Domeneck, que assumem a dissidência sexual, tornando possível a estratégia para emergir subjetividades agilizadas na fórmula *would prefer not to* e na qual renuncia aos conformismos que as práticas sociais miram no bojo da binaridade. Deleuze analisa que a fórmula enunciada: *I Would prefer not to*, por Herman Melville, na obra “Bartleby, o escriturário”:

[...] cava uma zona de indiscernibilidade, de indeterminação, que não pára de crescer entre algumas atividades não-preferidas e uma atividade preferível. A fórmula aniquila ‘copiar’, a única referência em relação à qual algo poderia ser ou não ser preferido. [...] Bartleby inventou uma nova lógica, uma lógica da preferência que é suficiente para minar os processos da linguagem” (DELEUZE, 1985, p. 83-86).

Sem dúvida, posicionar a preferência da linguagem queer que vem sendo debatida no *front* de desvios de nomeações, positivando outros lugares de discurso é uma operação de guerra, pois temos que procurar atos preferíveis de dizer não para os preconceitos, fracassos, conformações e às violências a Pretas e Pretos, e compreender as subjetividades dissidentes. Não devemos parar de analisar a potência queer enquanto arma política e não deixar de se subtrair, mas de se constituir na ressignificância e nas dissidências de corpos e sujeitos no campo político, social, cultural e artístico.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Humanitas-UFMG, 2013.

- AGAMBEN, Giorgio. La invención de una epidemia / Contagio. In: *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo em Tiempos de Pandemias*. Buenos Aires: Editorial ASPO; Pablo Amadeo, 2020, p. 17-20 / p. 31-34.
- AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.
- BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: *Problemas de Lingüística Geral I*. Trad. M. de Glória e M. L. Néri. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BUTLER, Judith. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. Nova York: Routledge, 1997.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-172.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, jul-dez, 2014. p. 441-474.
- BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? *Cadernos Pagu*, n. 53, p. 185-305, 2018.
- COSTA, Maria Iraci Sousa. Saussure após um século: a problemática do objeto da linguística. *Fragmentum*, Santa Maria, n. 41. Abr./Jun. 2014, 87-122.
- DELEUZE, G., GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991.
- DOMENECK, Ricardo. *A cadela sem logos*. São Paulo: Cosac Naif; Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Trad. Bhuvi Libanio; prefácio Denilson Lopes. Recife: Cepe, 2020.
- HAN, Byung-Chul. A emergência viral e o mundo de amanhã. In: *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo em Tiempos de Pandemias*. Buenos Aires: Editorial ASPO; Pablo Amadeo, 2020, p. 97-112.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Textualidades Queer (Ou, Escrito desde um Corpo). In: FREITAS, Marinela; AMARAL, Ana Luísa; SAMPAIO, Maria de Lurdes; SILVA, Alexandra Moreira da. *Legados e Heranças: Políticas (Inter)Sexuais Hoje*. Porto-Pt: Edições Afrontamento Lda; Instituto de Literatura Comparada Margarida-Losa, 2019, p. 65-75.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: seguido de sobre el governo privado indirecto*. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2011.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. *Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufrj*, n. 32, dezembro de 2016, 123-151.

PRECIADO, Paul B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, jan.-abr. 2011. p. 11-20.

RANCIÈRE, Jacques. *O Desentendimento – política e filosofia*. Tradução: Ângela Leite Lopes. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 144.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do Sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. 2a Ed, São Paulo: Editora 34, 2009.

SIMÕES, Alex. *Trans Formas São*. Salvador: Organismo Ed., 2018.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari. *Ipotesi, Revista de Estudos Literários*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 59-70, 2001.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.